

Virtudes sob o tapete

ALEXANDRE GARCIA

21 JUN 1994

Você quer me educar para um mundo que já não existe! — essa é uma reclamação freqüente de adolescentes filhos de amigos meus. E esses meus amigos a relatam com perplexidade. Ficam inseguros quanto às exigências e relação aos filhos. Em geral, eu peço a eles que dêem uma olhada nos países vencedores — os sete que hoje são a nata do Primeiro Mundo — e verifiquem se eles estão errados. Meus amigos que checaram estão agora seguros e felizes. Eles estavam certos. Errado está é o Brasil, em franca decadência de valores morais, familiares e de civilidade (ou civilização, se quisermos).

Na seção de cartas dos leitores de um jornal, um leitor reclama que militares não dão o lugar para idosos e senhoras grávidas no ônibus. E argumenta que eles estão contrariando o que aprenderam no quartel. Engana-se o leitor ao pensar que isso se deve ensinar no quartel. Isso se ensina em casa, nos anos tenros — e não se deve esquecer jamais. Nos países do Primeiro Mundo, nenhum idoso ou senhora grávida fica em pé ou em fila se há alguém mais jovem para ceder o lugar. Aqui no Brasil, é raro se ceder lugar na fila para grávidas. Mais do que isso — pessoas com deficiência física são mal atendidas nos bancos, em lojas, em todo o lugar. Nos países civilizados, elas têm sempre atendimento especial. Essas atitudes não são bobagem; são a medida do humanitarismo de

uma nação, do respeito ao ser humano. País que mata 50 mil por ano no trânsito, que mata nas filas dos hospitais públicos, que mata por um par de tênis, não tem nada parecido com civilização. Está mais perto da barbárie do que da civilização.

Nossas cidades são sujas e fedorentas. E não foram os iemenitas que jogaram lixo no chão; foram os brasileiros. E, como se sabe, se limpeza é sinal de civilização, sujeira é sinal de selvageria. O pior de tudo é que não são os outros que fazem isso; somos nós mesmos. Mesmo quando permitimos que se faça, porque, afinal, não temos o hábito de exigir que nosso meio ambiente seja civilizado. Poluímos tudo com fumaça, sujeira, barulho, pornografia gratuita. E pensamos que o mundo está em decadência. Não está. Os valores que fizeram os grandes países os mantêm lá. Há decadência, sim, naqueles países — mas ela é minoria e é combatida pela maioria. Aqui, tomamos o lixo estrangeiro como modelo e nos corrompemos por engano e pasividade.

Onde estão os valores dos nossos anos 40? Havia hipocrisia, sim, naquela época: os defeitos eram varridos para baixo do tapete. E agora, qual a vantagem de varrermos para baixo do tapete as nossas virtudes e admitirmos a decadência em nossas famílias, sem reagir?

■ Alexandre Garcia é jornalista